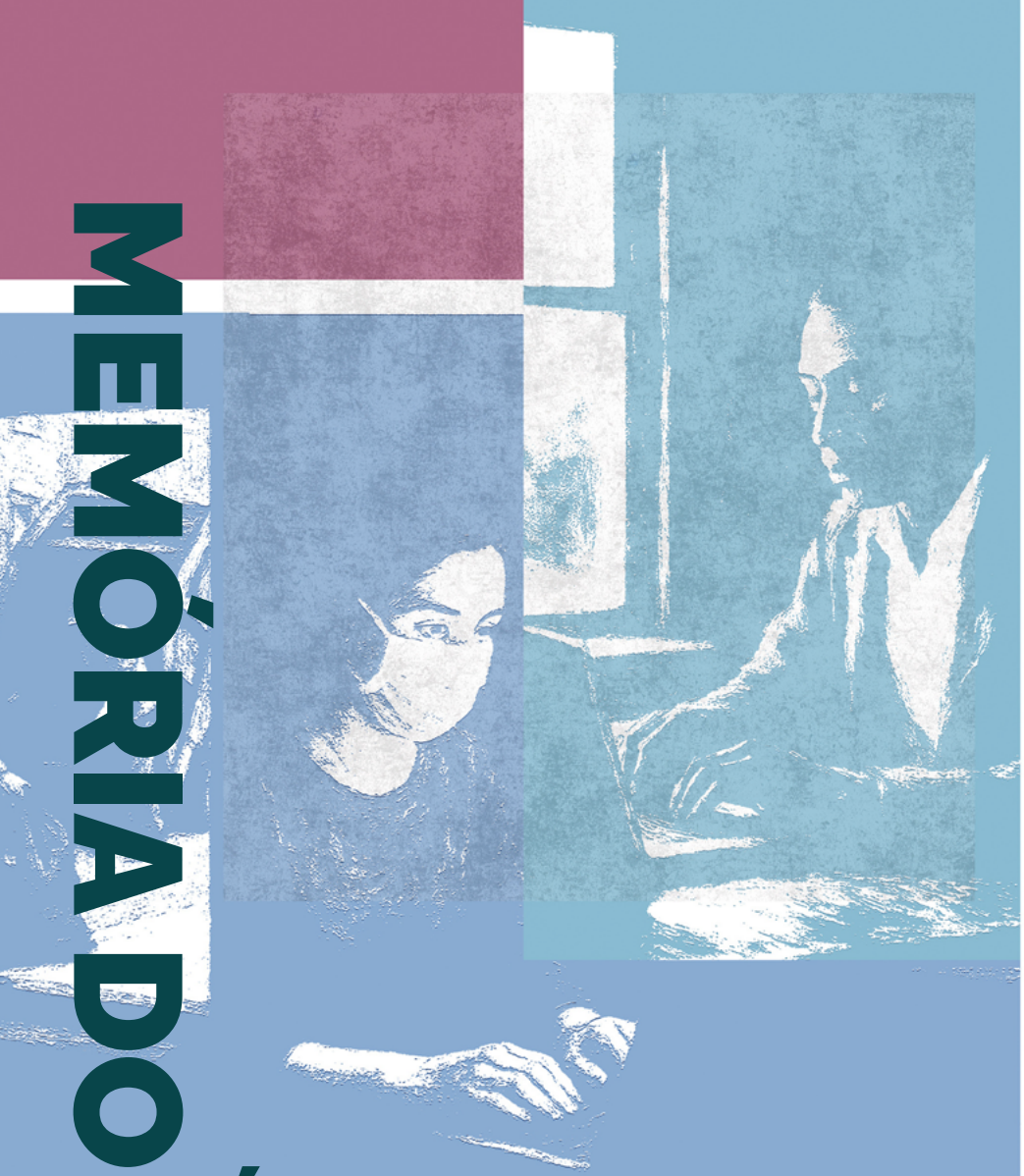
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026







1

Fernanda Spanier Amador
Janaina Madeira Brito
Maria Elizabeth Barros de Barros

NARRAR A ATIVIDADE NA PESQUISA CLÍNICA DO TRABALHO[1]

1 As autoras deste capítulo receberam financiamentos do Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 (Processo CNPq 409825/2021-2) e do Edital FAPES (Fundo de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo, pelo Edital 12/2024 PROFIX – Fixação e Aperfeiçoamento de Doutores no Espírito Santo).

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0.1





SUMÁRIO



A problematização acerca dos modos "como se diz o trabalho", bem como a respeito de estratégias metodológicas para narrá-lo na via da reinvenção do ofício, e por aí, como produção de saúde, é o mote deste texto. De antemão, afirma-se: o trabalho não é só uma realização técnica e/ou mecânica, como muitos o reduzem. O trabalho não se restringe à observação da tarefa executada, tampouco é o resultado direto da macrodeterminação social ou a síntese da relação contratual e instituída do emprego. "O trabalho é atividade pela qual o sujeito se afirma na sua relação consigo mesmo, com os outros com quem ele trabalha e pela qual colabora na perpetuação de um gênero coletivo" (Bendassolli; Soboll, 2011, p. 6).

Entretanto, quando pedimos a pessoas que trabalham que nos expliquem o seu fazer, elas jamais acessam diretamente a atividade (Trinquet, 2010), pois tendem a falar de sua tarefa, de seu posto, do resultado – material e/ou intelectual – que é esperado. Falam, usualmente, dos procedimentos que devem seguir e colocar em prática, ainda que se saiba que na situação de trabalho existem normas que antecedem a atividade, e que o fator acaso interfere nas tarefas. Há, portanto, esta dimensão de abertura e de indeterminação no que se expressa do vivido com os outros, consigo e com a atividade.

Assim, pesquisar a atividade implica em atentar àquilo que se forja no curso da ação, por meio dos movimentos que são impressos pelos trabalhadores quando da sua intervenção naquilo que está instituído e prescrito. Trata-se de nuançar o trabalho como artesania, uma espécie de arte do fazer que implica trânsito por entre as esferas da tarefa, fissuras de um campo aberto às criações dos modos de fazer, gerados pelos trabalhadores e trabalhadoras na atividade. Trabalhar é construir plano de trocas a serem experienciadas intra e interpessoalmente, conforme demonstrou Clot (2010).

Além disso, pensar o trabalho a partir da dimensão do ofício implica considerar que um legado comum (repertório para a ação)





SUMÁRIO



foi e é constituído na história vivida por outras trabalhadoras e trabalhadores, saberes que incidem nas decisões assumidas no desenvolvimento de uma determinada atividade, e a cada vez, na situação. Assim, cada corpo, quando faz escolhas, assume ao mesmo tempo algo coletivo, pertencente a um movimento sempre dialógico, conflitivo e paradoxal, movimento este que também viabiliza a emergência de uma experiência singular. Reafirmamos: nos contextos laborais existe, necessariamente, um movimento de criação a partir da experiência, pela atividade.

Para os estudos relativos à situação de trabalho, coloca-se sempre muitos desafios: convidar os trabalhadores para ocuparem o lugar de análise dos processos, e além disso, constituir condições de possibilidade para o exercício de uma experiência crítica que se faça esteio na produção de saúde com o que é vivido pelos trabalhadores. Aos pesquisadores, cabe também o desafio de forjar dispositivos de pesquisa prenhes da potencialidade de intervenção nos contextos laborais. Dispositivos clínicos de pesquisa por nós perspectivados no caminho do que foi indicado por Yves Clot:

> Aqui a clínica é ação e não somente um enquadramento. De bom grado eu diria, para parafrasear Tosqueles, que em clínica da atividade também importa fazer com que nossos interlocutores trabalhem para 'cuidar do trabalho, para que a organização perceba, no fundo, que eles são seres humanos, responsáveis pelo que fazem, o que pode ser evidenciado desde que se faça com eles alguma coisa diferente do que habitualmente eles fazem' (Clot, 2011, p. 75, grifos do autor).

As modalidades clínicas são um meio, entre outros, de tornar a vida defensável nas condições de trabalho, diante o impacto de aviltamento dos excessos de nosso tempo, colocando em análise o que se exige, neste caso, fora dos recursos, soluções e encaminhamentos que os coletivos de trabalho podem se proporcionar. É clínico o método de constituir dialogias diferenciadas com a experiência laboral





SUMÁRIO



e de gerar dispositivos de autoconfrontação[2] onde a atividade ganha centralidade, tanto para a análise, quanto para a leitura dos efeitos gerados com as intervenções (Clot, 2011).

Por isso, apostamos no desafio de constituir e experienciar novos dispositivos clínicos de pesquisa a partir das distintas e já frutíferas intervenções nos campos do trabalho. Este é um movimento forte nas pesquisas em psicologia que enlaçam trabalho e produção de saúde, e que privilegiam as subjetividades abordando os transcursos do trabalho em ato, feitura inacabada na história aberta dos ofícios.

Trata-se da possibilidade de exercitarmos novas condições de transmissibilidade de uma experiência, transmissibilidade essa que exploramos a partir do pensamento de Benjamin (1987a; 1987b) em conversa com autores do campo clínico do trabalho (Clot, 2010, 2013; Schwartz, 2000, 2010), para pensarmos a esfera do ofício problematizando, entre outros aspectos, e com especial interesse, a experiência docente na e a partir da pandemia de Covid-19.

Este capítulo trata dos modos como se diz o trabalho, já que a expressividade cria condições para a continuidade do ato de fazer e de reinventar ofícios. Partindo do conceito de atividade, considera-se que o ato do trabalho não se restringe à tarefa executada, à macrodeterminação social ou como síntese da relação instituída do emprego. Abordamos o trabalho pela dimensão da experiência, pela qual um sujeito se produz na sua relação consigo mesmo, com os outros e com o objeto de seu trabalho.

Perspectivado como uma experiência coletiva, o trabalho como atividade indica-nos aspectos analíticos da pesquisa a

2 Autoconfrontação Simples e Cruzada são dois métodos empregados em Clínica da Atividade (Clot, 2006) e consistem em favorecer o desenvolvimento do poder de agir dos sujeitos e coletivos sobre si e sobre o meio de trabalho. Trata-se de um "encontro entre a atividade de trabalho de um agente e ele mesmo, com o propósito de deflagração de um novo contexto no qual o sujeito se torna um observador de sua própria atividade" (Rezende; Christo, 2018, p. 133).





SUMÁRIO



respeito do trabalho docente na e a partir da pandemia de Covid-19, e alimenta o memorial coletivo do ofício docente que se produziu como potência de invenção do presente pelo projeto *Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício práticas de cuidado na educação*.

Neste capítulo abordamos a instalação de dispositivos de pesquisa clínica do trabalho que se valem do recurso da narração como modo de pensarmos a transmissibilidade de uma experiência de produção de saúde por entre os impasses do trabalho docente na atualidade e marcados pela pandemia de Covid-19. No debate, mobilizamos autores e conceitos-ferramenta do campo das Clínicas do Trabalho, notadamente Yves Schwartz e Yves Clot, junto a vestígios teóricos do pensamento de Walter Benjamin para pensar este laborioso processo de narrar(atividade).

A PALAVRA DAS TRABALHADORAS NA ATENÇÃO E NO CUIDADO AO TRABALHO

As pesquisas interessadas nas imbricações políticas e no exercício crítico do fazer em educação, a partir do que emerge ao expressar o desenvolvimento da atividade docente, sintonizam em uma aposta ético-política: a de que o ofício só pode durar se a última palavra for jamais proferida e o último gesto for jamais completado (Clot, 2011).

Os psicopatologistas do trabalho – dentre os quais podemos citar Paul Sivadon, Claude Veil e Louis Le Guillant – foram os primeiros a conceder especial atenção à palavra em suas pesquisas, explorando-a como "expressão dos dramas vividos" pelos sujeitos em situação de trabalho. Cristophe Dejours (1992, p. 149) confere importância à palavra, "[...] uma formulação original, viva, que nos toca, engajada,





SUMÁRIO



subjetiva, vinda do grupo de trabalhadores". Desse modo, a palavra franqueia o acesso à esfera psíquica pela ressonância metafórica produzida. Ainda neste escopo, Yves Schwartz (2000), na ergologia, é outro autor que concede relevância à palavra dos trabalhadores em seus métodos de análise, a palavra como atividade linguageira que explora a intimidade entre o fazer e o dizer, sendo que dizer não deixa de ser um modo de fazer. Sob este aspecto, o autor reconhece certa dimensão enigmática, pois a palavra não trata especificamente de representação direta entre a linguagem e a atividade. Schwartz (2000) identifica duas instâncias para a linguagem: uma comum à atividade e outra distanciada e, portanto, elaborada. Na clínica da atividade, proposta por Yves Clot (2011), segue-se na direção dos que lhe antecederam, no entanto com variações: considera que a palavra possui um valor sempre situado no plano dialógico, inerente e constituidor da atividade. Nestes termos, a palavra é "palavra dirigida" pelos trabalhadores e trabalhadoras ao outro, a si mesmos e à própria atividade.

As modalidades de clínica experimentada no/com/pelo trabalho entendem que a atividade é formada de elementos generificados e estilizados. "Gênero" seria uma função psicológica, um instrumento coletivo da atividade que permite colocar recursos históricos acumulados a serviço da ação, logo, exerce intervenção na atividade de cada trabalhador.

Observa-se que a potência do gênero extrapola a perspectiva coletiva dos processos de trabalho, já que este tem estabilidade transitória, está sempre submetido à prova do real, sendo, então, reajustado: "o trabalho real é o campo por excelência do sentimento de vida contrariada", dirá Clot (2011, p. 72). O "estilo" seria outra dimensão a ser considerada nesta analítica, neste caso, o instrumento que transforma os gêneros mantendo-os em funcionamento, pois se nutre das contribuições singulares dos diferentes atores de um coletivo de trabalho.

Uma intervenção da pesquisa clínica no trabalho tem o compromisso de operar a complexidade do dizer o trabalho a partir





SUMÁRIO



da experimentação de estratégias dialógicas. Trata-se de propor dispositivos que possibilitam, portanto, o engajamento de trabalhadoras e de trabalhadores na análise e no conhecer de vetores menos evidenciados da atividade rotineira. Dizer, fazer com que o trabalho se expresse por meio de palavras que o reinvente, implica artifícios de linguagem com função de transformar corpos, atitudes, histórias sociais, ou seja, transformar o curso da ação, das tarefas, do fazer laboral. Portanto, o convite feito para narrar seu trabalho precisa ser abertura aos usos da palavra dirigida para transformá-lo, constituindo um plano concreto, cotidiano e dialógico de produção de saúde no/pelo trabalho. Criar novos contextos para viver é condição de saúde, propriamente dita. Labora sobre os ressentimentos. Potencializa o desabrochar dos processos na atividade. Gera novo exercício crítico.

WALTER BENJAMIN E A NARRATIVA NA PESQUISA CLÍNICA DO TRABALHO

Os modos de dizer o trabalho como problemática cara às práticas em psicologia, tal como os efeitos advindos desta disponibilidade a ser construída e vivida na pesquisa, encontram no presente texto um novo diálogo a partir de uma aproximação ao pensamento filosófico de Walter Benjamin.

A direção ético-metodológica de nossas pesquisas encontra, na aposta do gesto de narrar, recurso que pode proporcionar um encontro diferenciado das trabalhadoras com a força de intervenção da palavra. Assim como as histórias contadas, nas pesquisas que operam pela narratividade pode-se imprimir uma nova experiência com a ação, mobilizando os corpos que passam a se ver e mover como protagonistas de transformações em situação de trabalho.





SUMÁRIO



O movimento de se dispor a dizer o trabalho através do contar histórias tem o poder de cura nas mãos das mulheres, advertiu Benjamin (2000a) em um aforismo de imagem do pensamento intitulado *Conto e Cura*. O contar passa a ser perspectivado como um movimento de um tipo específico de expressão, não apenas ato de descrição do vivido, mas uma espécie de magia, cuja cura estará na narrativa enquanto experiência rara. Nas palavras do autor:

> Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração (Benjamin, 2000a, p. 269).

A estimulada prática da narração, por este autor berlinense do período das Guerras, atualiza uma crítica ao que entra em jogo no mundo produtivo de seu tempo, extensivo ao que pode ser experimentado na atualidade. Vivenciando a miséria em situação de exílio, Benjamin debruçou-se sobre a análise da mudança qualitativa ocorrida na experiência de trabalho com os artefatos da modernidade (Gagnebin, 1999).

Houve mudanças na possibilidade de trabalhar junto, na possibilidade do que será transmitido entre gerações, uma modificação na herança a ser legada aos novos artífices. Consequentemente, houve impacto no manuseio de palavras enquanto se fiava ou tecia. Se pensarmos no Brasil próximo, impacto na cantoria, enquanto se pisa o cacau, ou no ato de colher e debulhar os frutos (Benjamin, 1987a).

As palavras eram ligadas aos saberes acumulados nas mensagens de fábulas, parábolas, provérbios, cantigas de roda, e tantas formas épicas encarnadas e encantadas por narradores tradicionais e cronistas. Estes que carregam um tipo de ligação profunda com a palavra, e sua expressão artesanal e involuntária, dirá Ferreira (2011).

A paisagem permite-nos pensar a experiência da oficina e dos artífices desmoronando, os saberes do passado se desvalorizando,





SUMÁRIO



e revalorizando. Já que o terreno tecnicista ampliou lugar às grandes produções, empobreceu o uso das palavras no acesso à experiência, assim comovem emudecendo com os efeitos nefastos das torrentes violentas sobre o diminuto corpo humano, como visibiliza Benjamin, uma nova forma de miséria surgia com desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem, sugere o autor (Benjamin, 1987b).

O contexto produtivo nos sinaliza um diagrama das violências que atravessam as situações de trabalho e que impedem de serem assimiláveis pela atividade linguageira (Schwartz, 2000) que sustem os fazeres e os ofícios ao longo do tempo. Um desafio tanto maior para os métodos de pesquisa no Brasil de nossos dias, fazer a palavra circular em contexto de políticas públicas austeras, de progressivas perdas trabalhistas, uma ascensão sem freio da gestão concorrencial e meritocrática, de engendramento da reprodução do individualismo em massa e do regime de privilégio e racismo.

Quando então, acelerados, anestesiados, solitários, tristes, sofre-se a força do constrangimento de comunicar, de reconhecer o valor de tradição (comum), despotencializando com isso as múltiplas forças do trabalho e do processo de trabalhar, reduz-se à primazia da racionalidade instrumental.

Assim, contra uma ontologia e uma estética da interioridade, do resgate de uma suposta harmonia, suavidade e graça, Benjamin realizará um diagnóstico cuja aposta na narrativa é uma forma de resistência política neste ínterim. Articulando palavra, memória e práticas sociais que indicam uma possibilidade: o de restaurar e revitalizar a prática comum dos ofícios.

A dimensão do ofício, como lastro que se atualiza no presente, pode permitir que os trabalhadores se posicionem de um determinado lugar marcado por certos valores. Posição indiscernível de uma modulação política, que diz respeito à dimensão pública de um ofício. Assim, a produção de um memorial coletivo do ofício docente na pandemia como potência de invenção do presente,





SUMÁRIO



distante de uma perspectiva nostálgica de relembrar o passado como algo dado, traça as linhas do ofício docente que, fortemente abalado pela situação sanitária, indica também uma profusão de linhas de resistência face às atuais opressões do capital.

Gagnebin (2009), importante leitora do pensamento benjaminiano, mostra-nos como sua crítica mobilizaria conceitos-ferramentas operando no momento de uma intervenção oportuna, exatamente quando se nota os trabalhadores perdendo a força de perceber, produzir outro ângulo de observação, dirá Benjamim, cujos traços grandes e simples se destacam por ter se posicionado a certa distância da cena cotidiana no trabalho, na escola, nas relações e redes. Há, então, necessidade de gerarmos novas modalidades de atenção e percepção, como um recurso à construção do que precisa ser feito com o vivido nesta era dos sistemas e funcionamentos autômatos. É necessário enfrentar a naturalização da exigência em ser guiado e dirigido, sendo esses processos tão automatizados nos quais muitos trabalhadores se encontram, nos riscos da história reeditada do capitalismo (Benjamin, 1987b). Assim, apurar um método que acompanhe Benjamin, implicará considerar duas vertentes:

> [...] uma reflexão sobre o desenvolvimento das forças produtivas e da técnica (em particular sua aceleração a serviço da organização capitalista da sociedade) e uma reflexão convergente sobre a memória traumática, sobre a experiência do choque [...] portanto sobre a impossibilidade, para a linguagem cotidiana e para a narração tradicional, de assimilar o choque, o trauma [...] porque este, por definição, fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem (Gagnebin, 2009, p. 51).

Na experiência de choque (*Chocklerbnis*) de toda e qualquer forma-violência e forma-guerra, Benjamin visibiliza o tipo de comportamento dos "autômatos" como um modo-reação aos efeitos nefastos do capitalismo. Aponta-nos com isso, a constituição crescente de certo estilo de vida burguês tributário de uma paralisia problemática, advinda dos tempos de horror e da passividade





SUMÁRIO



na bárbara inumanidade do fascismo. Nesta analítica da individualidade paralisante, estaríamos desde então pobres de experiências intercambiáveis, pois a própria dimensão sensivelmente crítica que forma para o trabalho é aviltada ou destituída, ainda mais, de seu valor nas trocas sociais.

Para as pesquisas no campo clínico do trabalho, essas reflexões parciais são preciosidades, pois indicam um caminho a acessar exatamente o que tem força para processualizar o fazer. Cada campo profissional, uma experiência, valores fundamentais, histórias de vida na reinvenção dos fazeres. Frisa-se, agora, a expressão paradoxal do próprio pensamento benjaminiano: "dar uma nova beleza ao que está desaparecendo". Tanto um diagnóstico das ameaças do presente, quanto uma direção de investimento metodológico da atenção a ser cultivada nas pesquisas-intervenção.

O mesmo tempo-presente que é fadado ao constante desmoronamento, à fragmentação dissociativa e à desmobilização das organizações coletivas, o tempo fadado ao "esvaziamento do poder de quem tem força de dizer", é também aberto ao procedimento da criação. Quer dizer, aberto à imaginação histórica e política capaz de restituir outros mundos. Mas isso, criando o distanciamento calculado do "presente sufocante". Um tipo de tempo propício para a literalidade das comunicações, queixas, demandas arrastadas na ausência de enlaçamento com perspectivas futuras. Não raro temos encontrado entre os trabalhadores um tipo de intensidade destruidora da autoridade inventiva dos artífices.

O filósofo alemão ao permitir problematizar os efeitos da vida moderna e do Estado capitalista, quando traduz e faz a crítica da poesia francesa de Charles Baudelaire, ao mesmo tempo, permite-nos problematizar a figura contraditória do trabalhador-herói. Este que testemunharia a dimensão trágica na vida, assumindo o encontro sempre conflitivo das condições de possibilidade entre morte/vida; saúde/doença; esperança/descrédito; permanência/impermanência





SUMÁRIO



das coisas. Vive-se um conjunto desarmônico de paradoxos que se anuncia para gerar o efeito de impeli-lo à frente.

É o mesmo nuançar que reconhece força política de invenção cotidiana, quando se pode assentir determinadas misérias para, então, se saber no movimento que pode seguir à frente construindo com pouco, barbaramente, como nomeia o autor no aforismo *O caráter destrutivo*, publicado também em imagens do pensamento. O caráter de pôr o mundo à prova, que sabe destruir para recomeçar, pois elimina os vestígios íntimos da destruição para constituir impessoalidade, plano e lutas no comum (Benjamin, 2000a).

Fora dos clichês habituais, seria poder perspectivar uma forma de vida heroica, refeita, quer dizer, ultrapassando a forma-renúncia ou as muitas odes a uma dedicação sacrificial nos mundos do trabalho. Diferentemente, o que o autor da recuperação da impossibilidade de narrar indica é a mobilidade que há por entre as forças de decisão, cujo mérito (analítico-crítico e de produção de saúde) estaria exatamente no que se pode emergir em situações hostis.

Por isso, lembra-nos com os escritos de Baudelaire: "Aquilo que o assalariado realiza no trabalho diário não é menos importante que o aplauso e a glória do gladiador na antiguidade" (Benjamin, 2000b, p. 12), oferecendo-nos mais um argumento para o exercício de dispositivos com atenção ao cotidiano dos mundos do trabalho.

Neste capítulo, algumas perguntas norteiam nossas considerações. Para onde caminham os saberes capazes de surpreender, intervir e deslocar os sujeitos e suas histórias no e pelo trabalho? Como continuar apostando na reconstrução a partir de cacos, restos e fragmentos, sobretudo no que tange à experiência da pandemia? Como as ferramentas de trabalho e pesquisa se fazem artifícios de outro modo de relação com o vivido e suas vicissitudes?

As ideias dialogadas entre Walter Benjamin, Yves Clot e Yves Schwartz, e suas leitoras, visibilizam um plano interventivo com o





SUMÁRIO



gesto narrativo enquanto procedimento, e *ethos*, uma aposta na maneira de catalisar outras análises e também indagar o que ainda pode se fazer à serviço da ação.

Todo este debate nos permite pensar nos desafios de produzir dispositivos clínicos do trabalho orientados pelo cuidado do ofício, por exemplo, no momento tão crítico que foi a pandemia de Covid-19. Cuidar do ofício consiste em uma proposição de Yves Clot (2013). Para o autor, há que se cuidar do ofício para que se cuide das pessoas, numa afirmação de que quando continuamos a contar a história dos ofícios, este trabalho feito coletivamente, a saúde das pessoas vê-se igualmente cuidada. Temos aqui uma inversão em matéria de saúde e trabalho, das lógicas individualizantes que se ocupam de cada pessoa individualmente para a afirmação de uma lógica coletiva do trabalho, isto é, para as estratégias de aperfeiçoamento dos modos de trabalhar a partir do debate de normas travado entre trabalhadoras e trabalhadores no e pelo trabalho em situação.

As escolas, da rede pública e da rede privada, além de sofrerem os efeitos do alto risco de contágio pelo vírus, sofreram ainda um forte abalo nos modos de organização do trabalho docente. Agravado pelo silenciamento, pelo mutismo, e pela naturalização do que foi a experiência pandêmica em seus efeitos na tecnologização do ensino, nas didáticas prescritas ou sorrateiramente inventadas para escolarizar desde crianças até os adultos. A pandemia deixou suas marcas, sob a forma-desgaste, abalou ainda mais o relacionamento social e a força de coletivizar o dia a dia do trabalho.

Os dispositivos clínicos de pesquisa podem se valer do que vem sendo essa organização, produzida cotidianamente quando trabalhadoras fazem a gestão da distância, sempre presente, entre trabalho prescrito e trabalho real. Interessou-nos conhecer como os docentes renormatizaram o meio em direções insuspeitas, mas restituidoras de produção de saúde, pelo exercício do trabalho como atividade.





SUMÁRIO



NARRAR A ATIVIDADE

Nossas pesquisas vêm ao encontro do protagonismo dos trabalhadores e trabalhadoras na coanálise do trabalho. Preocupando-se com os modos como trabalhadoras e trabalhadores da educação enfrentam as crises que lhes acometem, apostamos pela pesquisa *Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação*, na instauração de espaços coletivos que abrissem à narração de suas histórias naqueles e a partir daqueles dias. A pesquisa visou o exercício do trabalho docente na pandemia, produzindo uma espécie de memorial do trabalho docente, sustentado na abertura da experiência vivida no e pelo trabalho, por aquelas e aqueles que o realizaram. Tratou-se de produzir um espaço de circulação para as narrativas que foram geradas na e a partir da pandemia.

O memorial do trabalho docente na e a partir da pandemia que investimos visa, assim, oferecer-se como suporte da série de linhas sinuosas que contam histórias de situações adversas, e que se oferece como meio para reinvenção do presente, refigurando materialmente o mundo. Portanto, nos interessa as implicações de uma transmissibilidade do ofício docente na e a partir da pandemia, que se mostra, sobretudo, criadora e desassujeitadora. Quer dizer, útil para o fortalecimento do corpo dos e das trabalhadoras e trabalhadores docentes, diante dos atuais impasses do mundo do trabalho. O que implicará tomar a narratividade como prática de transmissão de uma história feita de multiplicidades, de abertura de sentidos, e feita do desenvolvimento de uma história comum, que se converte em oportunidade para o compartilhamento dos problemas, gerando novas estratégias de criação no trabalho.

Veremos assim, como narrar é conexão, forma artesanal de comunicação. Espécie de "ofício manual", a narrativa é trama, produto





SUMÁRIO



de uma dedicação paciente que estabelece outro tipo de agenciamento com o tempo, assim como uma peça de madeira a ser talhada.

Temos a prerrogativa de que o espaço da oficina, das escolas, da constituição de um plano de trabalho coletivo é a oportunidade do esboço de um mundo mais ou menos comum, conforme indicou Clot (2013), já que é justamente no enfrentamento das infidelidades do meio que se dá o exercer normativo. Exercícios que se mostram como criadores de meio, inventam modos novos de trabalhar, figurando o mundo.

Esta é, portanto, a interpelação para que um trabalhador ressurja, repense, reavalie, reposicione. Insista na fabricação cotidiana de novas armas frente às barbáries de cada tempo, se fazendo heroicamente sem sacrifícios pessoais, mas combativo ao que minimiza a força em agir, processualizar, autonomizar, coletivizar.

Apresentaremos a seguir alguns dos principais vestígios metodológicos extraídos dos dispositivos clínicos, que se valem da importância da transmissibilidade na experiência no/como trabalho.

NARRAR É CONSTITUIR UMA EXPERIÊNCIA

> Nessa experiência, encontramos uma parte que alguns afirmarão rotinizada, outros falarão de uma memória que não se verbaliza nem se conscientiza no instante, finalmente somos confrontados ao enigma do corpo [...]. É por isso que não sabemos bem quem faz experiência [...]. Nisto que faz experiência, há história de nossos fracassos, nossos sofrimentos, nossos sucessos, nossos engajamentos com uns e outros, atravessados pelas nossas relações com os valores; e nosso corpo carrega essa história sem que nós a saibamos muito bem. É tudo isso que faz experiência (Schwartz, 2010, p. 43).





SUMÁRIO



Yves Schwartz (2010) debruçou-se sobre a experiência que é formadora no contexto das clínicas do trabalho. Um tipo de experiência ligada à prática laboral como prática formativa, divergente da concebida no idealismo e no empirismo, por vezes vivida como algo a ser dado e obtido, logo, derivada da relação imediata com o acúmulo de conteúdo.

Sabe-se que esta é lógica usual em treinamentos, capacitações e também em projetos de formação de professores. Mas a experiência na atividade sobre a qual essa metodologia clínica se debruça, diz respeito, como pudemos antever, a uma processualidade de difícil discernimento entre início, meio e fim. Trabalhar forma uma experiência que poderia forjar processos, que descentram a pessoa da própria vivência de sofrimento e de despotencialização.

Como modalidade de dessujeitamento, nesta perspectiva da experiência, não se pode distinguir e isolar o sujeito numa individuação que dicotomiza sujeito/corpo ou mecaniciza sujeito/ação. Neste caso, tanto a ideia de sujeito é descentrada, quanto a de afeto é politizada, quando a experiência em questão nas clínicas do trabalho refere-se à articulação com os companheiros e com o que é estabelecido no uso dos saberes.

Benjamin indica a narração como caminho da sensibilidade à grande experiência, que mobilizaria os saberes legados em dada cultura partilhada. Experiência plena (*Erfahung*) porque nos conecta a um tempo capaz de revolucionar ritmos de trabalho e descanso; de cultivar e lapidar as palavras, afetos, pensamentos, histórias. Portanto, fala-nos da possibilidade de articular, de outra maneira, o passado e o contar. Quando o autor escreveu o ensaio *Experiência e pobreza* (1987b), publicado no ano de 1933, além de indicar a importância de percorrer um caminho de vida articulado aos processos de trabalho, alerta-nos para como os procedimentos de pesquisa podem reconhecer os "objetos-joia", termo do autor para aquilo que pode se mostrar útil na busca do tesouro intrínseco ao que se vive com o próprio labor.





SUMÁRIO



As pessoas em situação de trabalho constroem suas docências em meio ao curso de muitas histórias. No corpo engajado com a história, há fracassos, sofrimentos, sucessos que tecem o fazer na escola, em meio a tantos outros fazeres em rede afetiva. A narração seria um lançar-se a este universo sensível que conhece e reconhece o que tem valor de renormatizar. A experiência seria o aceno de acessarmos uma palavra comum que, além de pluralizar histórias, indica como cada história narrada fará composição com o ouvinte. É formar uma atenção ao que é precioso, pois remete à vida no trabalhado e faz durar os valores que formam determinado ofício (Barros; Amador, 2017; Brito, 2016).

NARRAR E SE LANÇAR A CONTAR

Walter Benjamin indica que diante o moderno assassinato da narrativa é preciso insistir em narrar. Diante um permanente estado de guerra, o que desmoraliza a vida humana, o que é árido e/ou está inflacionado (as estratégias biopolíticas de um Estado genocida) só mesmo "uma nova barbárie" à altura para experimentar outras forças destrutivas. Só um tipo de caráter que "desconfia da Marcha" do rumo das coisas para confiar no diagnóstico do presente, quando o que anda mal é colocado à prova, quando o trabalho é analisado sob o prisma de encruzilhadas que deve se abrir, fazer advir (Benjamin, 2000a).

É preciso atacar o ofício para que ele se sustente. Não no sentido do aniquilamento ou de uma destruição gratuita. Mas sim, no sentido de transformação, da ativação das possibilidades de ser o que ainda não é. Deste modo, ao mesmo tempo em que se produz um espaço de narrativa de histórias e composição de um comum, se produz e analisa o ofício em um refazimento, se produz dispositivos de atenção e cuidado. Produzindo então um cuidado do porvir, no movimento de narrar e intervir.





SUMÁRIO



Como antevemos, a modificação do sistema produtivo e a alarmante reprodutibilidade técnica no capitalismo têm seus vestígios na escassez de histórias contadas, devastando os mundos do trabalho no signo da pobreza de experiência, impedindo que se crie espaços cotidianos para contar de novo e conservar histórias tecidas lado a lado com os companheiros do fazer educativo.

Operar o dom de narrar o que já se escutou na rede de experiências da docência exige outra modalidade de encontro com o próprio trabalho, com o que precisa ser observado, fazer morrer, romper, transformar, para que tornemos a vida defensável. Apostar na esteticidade que possibilita a decisão de enfrentar coletivamente a incapacidade de contar; enfrentar o esgotamento do corpo que segue o esgotar de histórias. O desafio é enfrentar a descontinuidade da palavra transmitida e a pobreza de artesania que invade os mundos do trabalho (Gagnebin, 1999; 2012).

Nessa direção, a narração na pesquisa, relacionada à dimensão da experiência de/no trabalho na pandemia, traz o processo de narrar como móvel da experiência de outro gesto: contar e ouvir. Se colocar entre trabalhadoras, sabendo que a docência se tece cotidianamente. Trabalhar e ouvir o colega ao lado tece redes no/do fazer formativo.

NARRAR UMA PALAVRA COMUM E TRABALHAR JUNTO

Benjamin, ao trazer a parábola do velho moribundo (fábula de Esopo), suscita-nos alcançar como certa experiência pode ser transmitida a herdeiros de um vinhedo, reinstalando a possibilidade de investir em uma comunidade de vida, de discurso e de trabalho. Se servir do uso dos saberes aos quais se tem que recorrer quando





SUMÁRIO



visamos algo comum de uma cultura profissional, afrontamos contextos racionais e conscienciológicos, se hegemônicos, no trabalho contemporâneo. Por isso, sua linguagem alegórica apresenta um artifício de pensamento prenhe de aberturas, sentidos, destinos (Gagnebin, 1999).

Em *O Narrador*, texto de 1936, fala ainda da proximidade entre narrativa e experiência, e da potência da "história partilhada" para restaurar algo de uma dimensão comum no vivido. Narrando, trabalhadoras e trabalhadores elucidam a atenção e percepção diferenciadas, durante uma experiência de melhor dizer o trabalho, potencialmente, ele "diz um modo" que estiliza a transmissibilidade de uma palavra não literal, mas, antes, histórica.

Esta figura-narradora fora reconhecida entre os viajantes ou estrangeiros. Quem veio de longe para trazer histórias de lugares distantes. Quem viaja tem muito a contar, como um marinheiro comerciante que recolhe histórias pelo mundo. Outro tipo clássico é aquele que passa a vida inteira em sua terra e experimenta as histórias deste lugar, o camponês sedentário, autoridade diante o que bem conhece. Tipos fundamentais, garantindo ainda hoje gerações de ousados narradores: o mestre sedentário, os aprendizes migrantes; o trabalhar junto na mesma oficina, cada um, já tendo sido um aprendiz antes de se fixar; vários tipos podendo cultivar uma arte expressiva do que se vive. A arte de narrar foi a tradição que sustentou o viver nas oficinas de trabalho.

Com esta distopia, Benjamin (1987a) mostra-nos, entre outras nuances, que os saberes de terras distantes e o da tradição local se encontram, restauram um comum de corpos e temporalidades, construindo um tipo de sintonia e composição. A primazia no encontro, na conversa, ou seja, insistindo em intercambiar e interferir nos saberes constituídos, na reconstrução do presente por meio de uma força coletiva e memorial. Mais um caminho para o método da dialogia que expresse o modo-trabalho-artífice.





SUMÁRIO



Longe de ser uma nostalgia inerte, para as pesquisas qualitativas, é um valor de trabalho desindividualizante, capaz de desenvolver, aperfeiçoar, experimentar um tempo intensivo útil para o exercício da germinação narrativa, exatamente porque se está entre os companheiros de trabalho. É perspectiva construtiva, do movimento, daquilo que se move na direção de produzir saúde por ter se lançado a correnteza da narração, portanto, que acessa uma memória. Força presente e involuntária, coragem espontânea e solidária. Menos, a ação conscienciológica e dirigida, que já sabe tudo de fatos e doxas.

NARRAR E LEGAR CONSELHOS AO OFÍCIO

As trabalhadoras e trabalhadores do campo da educação, ao se disporem ao gesto de narrar, podem ofertar uma arena de signos para se construir histórias sem dono, sem domínio, propriedade privada ou mesmo história íntima. Elas e eles forjam meios de contar e transmitir com sucessivas e cambiáveis narrações lacunares e infinitas. Assim, o tipo de palavra que proferem é a palavra comum. Não remete apenas a quem vivenciou ou criou conscientemente a história, remete a uma força do que lhe foi contado quando ouviu, o que transmite a vivacidade anônima de histórias transpessoais (Clot, 2011; 2010).

Construção narrativa e força de transmissibilidade, eis o ponto. Menos o que é explicado, e sim, fabulações feitas e refeitas a várias mãos, na multiplicidade de olhares capazes de dar provas de um "inacabamento constitutivo" (Gagnebin, 1999).

Uma narrativa é tecida para reverberar, desdobrar um gesto com a vida do ouvinte/leitor em sua construção. É neste sutil engendramento que o ouvinte se sente envolvido o suficiente para assumir a decisão de narrar algo daquilo que a ele foi narrado antes,





SUMÁRIO



alimentando o processo. Caberia as pesquisas impulsionar o encontro destas outras histórias, trocas, experiências, ensinamentos.

Experiência compartilhada é o campo fértil para o desenvolvimento de um ofício em uma vida-artífice. Portanto, a narrativa tem o tom de ser útil, de servir a outro, como uma ferramenta, ou seja, fazer-se um recurso para aquele que ouve. Nestes termos, o narrador sabe dar conselhos de ordem moral ou prática, numa direção em que "aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada" (Benjamin, 1987a, p. 200).

Aconselhar, na filosofia benjaminiana, é sugerir a continuidade de uma história aberta e imprevisível, com liberdade de interpretar e que amplia o narrado para um alcance transindividual. A possibilidade da nossa história ser reinventada, transformando a história de um ofício em outra história, mas de modo a germinar a construção do gênero profissional, aquelas avaliações comuns subentendidas à atividade; aquilo que se espera ou teme em condições reais da docência, ou seja, os pressupostos tácitos de um horizonte profissional compartilhado (Clot, 2010).

Em outras palavras, neste dispositivo que põe em jogo o dizer o trabalho, transmite-se não a última e suficiente solução, mas o lastro de abertura de possíveis. Pesquisa clínica do trabalho que permitem manter viva a capacidade de inventar novos funcionamentos no e pelo trabalho.

CONCLUINDO O QUE NOS PARECE SER INCONCLUSO

Ao longo do capítulo, defendemos que narrar é criar abertura na experiência de estranhar o que se pratica cotidianamente,





SUMÁRIO



experiência intensiva com as palavras, geradora de cacos e outros tantos materiais crítico-políticos, necessários para fazer ver/perceber/intervir/inventar novas realidades para os trabalhadores e trabalhadoras.

Narra-se para não reiterar o já estabelecido, primando por um movimento cognoscente novo, capaz de aproximações e distanciamentos em relação às posições nos processos de trabalho. Chamamos de narratividade o exercício ético-político-metodológico de pesquisas e dispositivos clínicos, preparados para problematizar a forma de acesso, a inventividade de meios na colocação de novos problemas – durante, com e em defesa da atividade.

Ainda mais neste tipo de pesquisa, não se pode negligenciar que, no contexto do trabalho contemporâneo, é frequente a exploração da potência que se dá no trabalho a serviço da rentabilidade do capital. O perigo é, exatamente, que a lógica do trabalho imaterial tende a se alimentar destas potencialidades inventivas para a reprodução cruel da dominação, extraindo as virtuais forças combativas que se enunciam na condição de trabalho. Nossas pesquisas apontam que o trabalhador brasileiro vem sendo subtraído de uma força de agregação, usurpada pela difundida meritocracia, a mesma que rebate no corpo determinados efeitos de adoecimento, desinvestimento, desânimo (Grisci, 2011; Lazzarato; Negri, 2001).

Precisamos estar atentos a novos exercícios da crítica em um modo de combate instituinte nos contextos laborais, e isso em nada se identifica com a tal criatividade propagada pelas lógicas neoliberais, pela crença no desenvolvimento hábil dos indivíduos empreendedores de si, ou pelo elogio à eficiência na gestão de projetos e na solução de problemas – comercialmente imediatistas e generalistas, não raro, propagadores do salvacionismo individual.

Uma dimensão crítica seria constituir modos de resistência, certa disponibilidade racional e afetiva para restaurar os atravessamentos processuais da potência de transformação do trabalho e





SUMÁRIO



do trabalhador. E como demonstrado, este recurso deve remeter os excessos de imediatismo à reconexão com o tempo e o curso processual da vida, no encontro com a palavra que acompanha a experiência, e que pode circular mais nos meios de trabalho. É necessário perspectivar os problemas, crises e impasses no engendramento das transformações multidirecionais de acontecimentos e vidas.

Portanto, (in)concluímos ressaltando que as estratégias clínicas de pesquisa-intervenção enfrentam este contexto em que predominam vivências imediatistas, e que geram nos trabalhadores uma espécie de soterramento em fatos e acontecimentos. São como vivências sorrateiras. Um vivido sempre improcessado, subtraindo do próprio trabalhador a percepção de sua força. Por isso, valorizar o singular modo com os quais os trabalhadores se refazem e se desenvolvem para aprimorar o que fazem. Não no que tange à tarefa de cada indivíduo, mas podendo apurar um modo de atenção ao trabalho a ser feito com o outro, seja este outro um coletivo de trabalhadores, uma cultura profissional ou as memórias na tradição de um ofício.

Consideramos que o trabalho com as narrativas aborda este material que se efetiva no encontro produzido entre o conhecimento já acumulado (os trabalhadores o dispõem) e as criações inerentes a uma realização específica (tarefas, metas, projetos, no amplo agir dos trabalhadores). Dito de outra maneira, trabalhamos nos dispositivos clínicos de pesquisa, ferramentas práticas e intelectivas que façam circular a possibilidade da crítica ao vivido e sofrido como impedimento ao desenvolvimento da atividade, problemática intensificada pelo real escancarado no período pandêmico. Poder forjar dispositivos metodológicos que coloquem em funcionamento uma experiência trágica de si – dramática do uso de si, pensando com Schwartz (2010). Ou seja, o trabalho sobre si (com palavras, histórias contadas, transmissão...) fazem uso de saberes acumulados, uso de habilidades intelectuais, sociais e corporais no retroalimentar do patrimônio coletivo (gêneros profissionais).





SUMÁRIO



Este é um investimento político nas experimentações coletivas, e situa no corpo do trabalhador as articulações sociais e históricas que o constituem. É preciso arriscar na dimensão estética das pesquisas, quando estas ousam articulações teóricas e certos hibridismos técnicos capazes de produzir uma ação de criação, e não de reprodução de si mesmos e do mundo.

Se aventurar com o distante e o desconhecido permite a abertura a limiares de inventividade que só se produz em zonas fronteiriças, entre diferenças, saberes, e por isso nosso veio teórico costurou dialogias e transversalidades, andando junto à experimentação do gesto de narrar como meio de potencializar a crítica e a vida longa dos ofícios. Não uma garantia *a priori* de transformações do trabalho e do trabalhador, mas um combate ao perigo de captura nos discursos hegemonizadores de subjetividade.

A eliminação da alteridade como valor de constituição do *socius* – este é um perigo que ronda na captura do amesquinhamento da vida na atualidade. É importante advertir que o impacto perpetuado do choque se alimenta do que há de mais singular e precioso na atividade dos trabalhadores, usurpando-os. Apostamos que as nossas pesquisas lancem seus exercícios metodológicos em outra direção.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; AMADOR, Fernanda Spanier. Clínicas do Trabalho: abordagens e contribuições da análise institucional ao problema clínico do trabalho. **Revista Trabalho & Educação**, v. 26 n. 3, 2017.

BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. *In:* BENDASSOLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (orgs.). **Clínicas do trabalho:** novas perspectivas para compreensão do trabalho na stualidade. São Paulo: Atlas, 2011.





SUMÁRIO



BENJAMIN, Walter. Imagem do pensamento. *In:* BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única.** Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BENJAMIN, Walter. A Modernidade. *In:* BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000b.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:* BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In:* BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BRITO, Janaina Madeira. **Loucas docências benjaminianas:** política da narratividade e produção de saúde. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves. Clínica do Trabalho e Clínica da Atividade. *In:* BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (orgs). **Clínicas do Trabalho:** novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

CLOT, Yves. O Ofício como Operador de Saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. especial 1, p. 1-11, 2013.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho. 5 ed. ampliada. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.

FERREIRA, Marcelo Santana. **Walter Benjamin e a questão das narratividades**. Mnemosine. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 121-133, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/12537212/Walter_Benjamin_e_a_quest%C3%A3o_das_narratividades. Acesso em: 19 ago. 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio – Walter Benjamin ou a história aberta. *In:* BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** Obras escolhidas I. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.





SUMÁRIO



GRISCI, Carmem Ligia Iochins. Trabalho imaterial. *In:* CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial:** formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

REZENDE, Marcello Santos; CHRISTO, Cirlene de Souza. O princípio da autoconfrontação na abordagem da Clínica da Atividade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 131-136, 2018.

SCHWARTZ, Yves. **Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe**. Torulose: Ocarès, 2000.

SCHWARTZ, Yves. A experiência é formadora? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 35-48, 2010.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-Line**, Campinas, v. 10, n. 38e, p. 93-113, 2010.